

Patrimônio Paleontológico na Exposição “Arqueologia do Resgate” do Museu Nacional (RJ): nova (res)significação

Mell Siciliano^{1,2}, Deusana Maria da Costa Machado², Mônica Rebelo Rodriguez^{2,3}, Flávia Cristina Costa Vieira^{2,4}, Ranielle Menezes de Figueiredo^{2,5}

¹Doutoranda em Museologia e Patrimônio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)/Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), E-mail: mellsiciliano@gmail.com; ²Laboratório de Estudos de Comunidades Paleozoicas (LECP)- Departamento de Ciências Naturais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), E-mail: deusana@unirio.br; ³Geóloga aposentada Petrobras S.A., Pesquisador Colaborador do LECP, E-mail: monicarebelorodriguez@gmail.com; ⁴Mestranda em Museologia e Patrimônio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)/Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST); ⁵Museóloga, E-mail: ranielle.m@gmail.com

Palavras-chave: *patrimônio paleontológico, coleção científica, musealização*

Os fósseis refletem uma memória simbólica do passado histórico da Terra, representando produtos deixados pelos processos geopaleontológicos através do tempo. Tornaram-se objetos de estudos da Paleontologia e, dessa maneira, formou-se uma ligação intrínseca e afetiva entre os paleontólogos e seu objeto de estudo, que começa no processo de coleta, na seleção da pesquisa e na escolha do fóssil a ser estudado, gerando uma valorização para o objeto desde a sua coleta até sua efetiva salvaguarda numa coleção, referendando o seu caráter relevante para a ciência. São as coleções científicas que os legitimam como patrimônio paleontológico, certificando a sua identidade, seu caráter de excepcionalidade, sua valorização enquanto fonte de conhecimento e saber e produção científica (PINTO, 2009). Também são evidências de movimentos históricos, políticos ou científicos por quais passou o país, a instituição e ou a ciência. Cabe ressaltar ainda que os fósseis são, por excelência, objetos de várias sobrevivências. A primeira delas é a fossilização em si, seguida pela coleta e inserção em uma coleção. No caso do Museu Nacional soma-se ainda mais uma: a sobrevivência ao incêndio. Este novo significado, o de sobrevivência, deve ser registrado e trabalhado ativamente pelo Museu. Stránský (1995 apud DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013) afirma que um objeto de museu (*musealia*) não é somente um objeto dentro de um museu, ou seja, não é a mera transferência de um objeto para os limites físicos de um museu que o torna objeto de museu. Para um objeto se tornar *musealia*, ele deve ser submetido a parâmetros (ou processos) específicos de proteção, documentação, estudo e interpretação (SCHEINER, 2015). Ao conjunto desses processos dá-se o nome de musealização. Um objeto de museu pode ser observado por vários prismas de significado (histórico, científico, social, entre outros) que influenciam sua interpretação (PEARCE, 1994). Cada prisma de significado se aglutina ao anterior; em um processo de enriquecimento e não de substituição de significações. Sendo assim, qualquer objeto de museu pode, ao longo de sua trajetória, ganhar novas significações, sejam elas frutos de novos olhares, novos estudos e descobertas ou ainda fruto de eventos externos, como acidentes e intempéries. O estudo das suas “biografias” permite uma série de descobertas e de relações que os cercam (ALBERTINI, 2005). No caso específico de acidentes e intempéries, o trabalho de (res)significação ocorre justamente em razão das avarias sofridas pelas coleções, que podem ser de diferentes graus e naturezas. No caso de coleções de história natural e antropologia essas alterações podem ser extremas e significar inclusive uma alteração completa do material. O presente estudo trata do processo de (res)significação do objeto museológico pós-desastres, e propõe a separação desses objetos em três categorias, levando em consideração as possíveis avarias sofridas pelos objetos. Tomou-se como estudo de caso os objetos da coleção paleontológica do Museu Nacional resgatados dos escombros do palácio, após o incêndio ocorrido em setembro de 2018. Esses fósseis foram expostos entre fevereiro e abril de 2019, junto a outros objetos resgatados, no Centro

Cultural Banco do Brasil (CCBB) no Rio de Janeiro, em uma exposição intitulada Arqueologia do Resgate. As três categorias propostas são: (1) objetos sem nenhum ou com poucos danos aparentes, (2) objetos com danos (incorporação de outros elementos e alterações químicas), e (3) objetos que surgiram devido ao incêndio (transformados). A categorização em tipos de avaria contribui para uma gestão mais efetiva, facilitando os processos de documentação, conservação e expositivos destes objetos. A guisa de conclusão, lembramos que a tais fósseis, sendo objetos de museu, foram e são atribuídos significados tanto científicos-acadêmicos como outros relativos à instituição a qual pertencem. A sobrevivência ao incêndio permite que a tais valores seja somado mais um. Esses objetos, além de testemunhos da história da terra e tempo geológico, além de representação da biodiversidade de outrora, além de representantes de momentos históricos de coleta são agora representações de um fato institucional trágico, mas de importância.



Fig. 1 – Fóssil na categoria (2) objetos com danos (incorporação de outros elementos e alterações químicas): Madeira do cretáceo da Antártica – alterada com metal. Este fóssil, proveniente da Ilha James Ross tem 90 milhões de anos. Está quebrado, mas manteve sua estrutura devido a aderência ao metal fundido do armário onde estava.

Referências

- ALBERTI, S. J. M. M. Objects and the museum. *Isis*, v. 96, p. 559-571, 2005.
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Ed.). **Conceitos-chave de museologia**. Portugal: ICOM Portugal, 2013.
- PEARCE, Susan M.. Thinking about things. In: PEARCE, Susan M. (Ed.). **Interpreting Objects and Collections**. New York: Routledge, 1994. p. 138-143.
- PINTO, Fernanda Nascimento Magalhães. **Coleção de paleontologia do Museu de Ciências da Terra/DNPM-RJ**: patrimônio da paleontologia brasileira. Dissertação de Mestrado, UNIRIO, 2009. 130p..
- SCHEINER, Teresa Museu, Museologia e a 'Relação Específica': considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Ciência da Informação**, v. 43, pp. 25-32, 2015.